

Mulheres Universitárias no Trânsito Campo/Cidade: Metamorfose de Vidas, Metamorfose de Projetos

José Ricardo Marques Braga¹
Elisete Schwade¹

¹Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil

Resumo

O artigo contempla experiências de jovens mulheres universitárias, oriundas de uma pequena comunidade rural no interior cearense, que se deslocam diariamente para cursar o ensino superior na cidade de Sobral. Metodologicamente, foi utilizada a técnica da observação participante nos espaços por onde transitam as estudantes (campo/cidade) e de entrevistas semiestruturadas, elegendo, entre essas jovens, quatro trajetórias para a análise aqui empreendida, no período de fevereiro a agosto de 2017. Buscamos identificar tensões na formulação de suas identidades e projetos de vida, provocadas pela experimentação do espaço urbano como parte desses deslocamentos. Atentando para as dimensões de gênero, interessamos compreender como os usos da cidade produzem metamorfoses no curso de vida das interlocutoras que tem repercussões na comunidade de onde são provenientes e, principalmente, nas relações com o núcleo familiar. As trajetórias dessas mulheres, construídas entre o campo e a cidade, apontam para o trânsito por universos de significado e domínios simbólicos heterogêneos, fomentados a partir da experiência urbana, que impactam na (re)formulação de seu próprio ser, dos seus projetos e da relação com a comunidade rural e a família.

Palavras-chave: Jovens Universitárias. Mulheres Rurais. Experiências Urbanas. Projetos de Vida.

University Women in the Field/City Transit: Metamorphosis of Lives, Metamorphosis of Projects

Abstract

This paper discusses experiences of young college-aged women, from a small rural community in the interior of Ceará, who travel daily to attend higher education in the city of Sobral. Methodologically, used participant observation technique on the students' places of passage (countryside/city) and semi-structured interviews, choosing, among these youngs, four trajectories for analysis, from february to august 2017. We aim to identify tensions in the formulation of their identities and life projects, caused by the experimentation of urban environments as part of these displacements. Paying attention to the dimensions of gender, we are interested in understanding how the uses of the city produce metamorphoses in the course of life of the interlocutors, which has repercussions in the community from which they come and, mainly, in the relationships with the family nucleus. The trajectories of these women, built between the countryside and the city, show the transit through universes of meaning and heterogeneous symbolic domains, fostered from urban experience, which impact on the (re) formulation of their own being, their projects and the relationship with the rural community and the family.

Keywords: University Youngs. Country Women. Urban Experiences. Life Projects.

Recebido em: 18/06/2020

Aceito em: 05/01/2021



Este trabalho está licenciado sob CC BY-NC 4.0. Para visualizar uma cópia desta licença, visite <https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0>

1 Introdução

Este artigo tem como enfoque experiências de jovens mulheres de uma comunidade rural do interior do Ceará¹, que vivenciam processos de deslocamentos diários para formação universitária na cidade de Sobral. Trata-se de uma reflexão sobre as experiências dessas mulheres em transição entre o campo e a cidade, identificando seus modos de vida, relações e significados produzidos no curso de suas vidas construídas no trânsito entre a pequena comunidade rural e o espaço urbano sobralense, para pensarmos o processo de (re)elaboração dos projetos de vida dessas interlocutoras. A ênfase da discussão está nas possibilidades singulares que a vivência da cidade oferece para as jovens mulheres, certos de que o gênero é um forte marcador na apropriação/significação dos espaços (MASSEY, 2000), no processo de construção de seus projetos individuais, bem como o contraste que se estabelece com a comunidade, desde que a ida para a cidade reverbera na vivência familiar comunitária, o que é possível perceber sublinhando tais interações como associadas a processos e deslocamentos. Portanto, tratamos de abordagem da vivência do urbano, nas complexidades e experiências cotidianas, que traz implicações significativas nas vidas das jovens estudantes, suas famílias e comunidade, e que considera também a necessária referência ao campo de estudos de gênero, importante clivagem para entendermos o delineamento dos projetos dessas mulheres.

O texto utiliza como referência pesquisa realizada por um dos autores para a dissertação de mestrado² (BRAGA, 2018) com interlocutoras jovens, mulheres universitárias, do distrito rural de Alto Novo, que se deslocam diariamente em ônibus cedidos pela prefeitura local até Sobral com o objetivo de cursar o ensino superior. O Brasil ainda concentra esse tipo de serviço nos centros urbanos, o que demanda o deslocamento espacial de indivíduos para amenizar a distorção e desigualdade de acesso à educação (HAESBAERT, 2008). É nesse contexto de mobilidade, fluxos e trânsitos entre um distrito rural e uma cidade média, entendendo os deslocamentos para além da dimensão espacial, mas também em sua seara simbólica (CRESSWELL, 2006; PARK, 1967), que são consideradas as experiências dessas jovens mulheres na universidade, na cidade, na comunidade onde nasceram e vivem até hoje, na tentativa de compreender os seus projetos de vida e suas

¹ Trata-se do distrito rural de Alto Novo (nome fictício), distante aproximadamente 80 km de Sobral, cidade polo da Região Norte do estado e a terceira maior e mais importante do Ceará que, há alguns anos, concentra um significativo número de instituições de ensino superior, aglutinando as juventudes de aproximadamente 50 municípios circunvizinhos, atraídos pela grande oferta de ensino superior localizada na cidade. Acrescentamos também que, além do nome da comunidade ser fictício, os nomes das interlocutoras também o são, com o intuito de proteger a identidade das sujeitas envolvidas nesta investigação.

² A escrita do texto alterna a primeira pessoa do singular e a primeira do plural. Tal recurso foi definido, uma vez que o primeiro autor foi quem realizou a pesquisa de campo.

metamorfoses no decurso de suas trajetórias, identificando os sentidos e os significados que as suas vivências universitárias imprimem à composição dos seus projetos, entendendo estes como resultado dos universos simbólicos múltiplos por onde elas transitam. Além disso, a condição de mulher ganha importante destaque para compreendermos como se desenham tais projeções. É fundamental marcarmos a peculiar relação dessas jovens com a cidade, que é, ao menos inicialmente, relacionada com o acesso ao ensino superior, o que produz uma relação particular com o espaço urbano. O significativo ingresso de mulheres dessa comunidade na universidade, que provoca um reposicionamento na configuração social daquele lugar, é também um importante aspecto a ser refletido, já que o diploma de nível superior é historicamente bastante valorizado, o que não é diferente em Alto Novo – embora, junto com o grau de escolaridade sonhado pela família, venham junto um complexo emaranhado de projetos que rivalizam com as aspirações familiares.

Como afirma Robert Park (1967), a cidade é um laboratório real para a investigação do comportamento coletivo e elemento central para a compreensão sociológica dos indivíduos que nela habitam e/ou transitam. Nesse sentido, a construção dos projetos das estudantes, jovens mulheres, que se deslocam diariamente, precisa ser pensada em conjunto com as experiências de vida no campo e na cidade que, interseccionadas, dão o tom dos projetos elaborados. O objetivo, portanto, é analisar como as experiências tecidas na cidade de Sobral, somadas às relações sociais e modos de vida da comunidade rural, impactam na constituição dos sujeitos em questão, partindo do princípio de que a cidade moderna influencia a personalidade dos indivíduos (SIMMEL, 2005). Observa-se como os fluxos tecidos na cidade e a experiência da universidade são fatores que marcam fortemente os indivíduos na costura dos seus projetos, bem como impactam outras dimensões que apontam, de modo especial, as relações entre cidade, juventude e gênero. Os deslocamentos espaciais (e suas implicações) estão, nesse sentido, associados a reestruturações constantes dos sujeitos e dos seus projetos, entendendo que, à primeira vista, eles provocam uma individualização destes, o que nem sempre se confirma, muito em razão do marcador gênero, como veremos nos casos analisados.

Na primeira parte do texto, argumenta-se como as interlocutoras da pesquisa e outros “universitários-viajantes” (FREITAS; BRAGA, 2013) se apropriam do espaço urbano e dele fazem uso, buscando compreender os significados da experiência urbana que esses indivíduos produzem em interação (SIMMEL, 2005), destacando a centralidade da individualidade, do sujeito singular, importante elemento para pensarmos, mais a frente, a ideia de projeto em Gilberto Velho (2003). Dessa forma, o texto elucida os trajetos dessas jovens na cidade, seus círculos de interação, suas representações sobre o espaço urbano experimentado e quais os significados produzidos nessas dinâmicas, que reverberam para além da cidade, implicando nas suas sociabilidades e modos de vida no campo. Uma mirada sobre os percursos e contrastes estabelecidos na vivência dos espaços na cidade, sobretudo a busca do lazer, em se tratando de jovens mulheres universitárias em deslocamento. Na segunda parte, destaca-se o processo de (re)construção dos projetos de vida das interlocutoras, analisando como estes se metamorfoseiam no decurso de suas trajetórias universitárias, marcadas pela influência da cidade, seus habitantes e suas práticas e como essas novas formulações do projeto dialogam, se contrapõem ou confluem com suas configurações familiares. Nessa direção, é possível perceber alguns

contrastes, diálogos e negociações, que envolvem comunidade, família, indivíduo, gênero e juventude, tendo em vista processos que alternam rupturas e continuidades entre a vida na comunidade de Alto Novo e a experiência no espaço urbano de Sobral.

Para atingir os objetivos deste artigo, utiliza-se uma abordagem qualitativa de pesquisa, tendo como norte metodológico a ideia de etnografia tal qual pensada por Mariza Peirano (2014), não como simples método, mas como teoria vivida, que faz pulsar e mantém vivos os arcabouços teóricos acumulados pelas ciências sociais, garantindo-lhes eterna juventude. A observação participante foi realizada entre fevereiro e agosto de 2017, tendo a etnografia multissituada (MARCUS, 2001) como marco, acompanhando deslocamentos e percorrendo os espaços nos quais a vida das interlocutoras se dava, a saber: a comunidade rural, o ônibus universitário e a cidade de Sobral, percorrendo as trilhas feitas por essas jovens. Em consonância a Magnani (2002), pensamos que a maior contribuição de uma antropologia urbana à antropologia e seu *modus operandi* é a de seguir os indivíduos em redes em seus múltiplos pertencimentos. É esse o exercício proposto aqui, acompanhar os caminhos, as relações, os medos, (in) certezas, os afetos construídos entre o campo e a cidade e como essa costura de fragmentos, que marca a realidade dessas jovens mulheres, corrobora para refletirmos sobre a constituição de suas vidas no presente e suas aspirações de futuro.

Ao longo do trabalho de campo, pude conversar e entrevistar diversas estudantes, à medida que ia me tornando mais familiar e próximo a elas nos ambientes pesquisados. É importante destacar que os jovens homens, apesar de não terem sido entrevistados, também foram buscados e acionados em alguns momentos, principalmente no transporte universitário, o que se fez importante para empreender uma análise comparativa de compreensão das trajetórias e projetos entre homens e mulheres nesse contexto. Entre todas as entrevistas realizadas, destacamos quatro jovens mulheres para analisar suas trajetórias.

O lócus de investigação foi escolhido pela alta quantidade de estudantes universitários dessa comunidade rural, com maioria feminina, além de um acesso privilegiado ao transporte universitário (pois em outras cidades tal possibilidade seria inexecutável) e à própria comunidade, na qual pude contar com o auxílio de uma amiga que me proporcionou moradia e, principalmente, maior facilidade de inserção entre os estudantes universitários do lugar. Foi a partir dos contatos intermediados por essa amiga que pude iniciar a pesquisa que aqui apresentamos.

2 Fluxos entre o Campo e a Cidade: modos de vida, relações familiares e experiências urbanas para pensar projetos

Junto com as localidades de Monte Azul e Pedra Preta, Alto Novo compõe o município de Águas Lindas, localizado na zona norte cearense, que dista aproximadamente 300 quilômetros da capital, Fortaleza, e 80 quilômetros da cidade de Sobral. Seu acesso se dá pela BR 222 até o sopé da Serra Grande ou Serra da Ibiapaba, quando é cortada pela rodovia estadual CE 240. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), a população de Águas Lindas era de 21.954 e densidade demográfica de 28,30 hab/km² (87^a

cidade com maior habitação no estado) com população predominantemente feminina e rural. Seu IDH é de 0,610, ocupando a 98ª posição no ranking dos municípios cearenses. Em termos religiosos, a imensa maioria da população se denomina católica.

Na comunidade de Alto Novo, quase todas as famílias, se não vivem exclusivamente da agricultura, possuem seus roçados em que plantam milho, arroz, feijão, legumes e verduras para consumo próprio. Algumas poucas famílias se sustentam apenas da venda dos produtos cultivados, com algum acréscimo oriundo de programas de transferência de renda, como o Bolsa Família, o que não é a situação atual de nenhuma das principais interlocutoras. Entre estas, três têm na agricultura uma forma de produzir o “grosso” (categoria êmica largamente utilizada para se referir aos principais gêneros alimentícios consumidos por essas famílias, como feijão, arroz e legumes) da alimentação – essa produção envolve, geralmente, todos os membros familiares, ainda que os filhos que cursam o ensino superior, homens ou mulheres, sejam poupados de boa parte do trabalho agrícola. Essas famílias, além da produção rural, contam com um ou mais membros em empregos de baixa qualificação ou autônomos, seja na zona urbana do município ou em cidades próximas, para completar a renda necessária à subsistência.

Ainda sobre a ocupação profissional dos moradores locais, é importante destacar que com a entrada dos primeiros jovens na universidade eles passaram a ocupar cargos considerados privilegiados no imaginário popular (que antes eram exercidos por profissionais de outros lugares), notadamente o ofício de professor, cujo salário é almejado por muitos das estudantes ouvidas. Fato corroborado ao observarmos que mais de 80% dos universitários de Alto Novo cursam alguma licenciatura. Nas conversas com as jovens universitárias foi percebida uma constante menção aos conhecidos e pessoas que já concluíram o ensino superior e hoje têm uma “vida boa e estabilizada” (o que significa, basicamente, um emprego, uma casa própria com boa mobília e um transporte – embora, haja variações do que seria uma “vida boa”). Para Margarida, por exemplo, esse é um dos ideais de futuro e motivação para cursar o ensino superior, muito em razão de um passado de difíceis condições financeiras.

Margarida tinha, na época da pesquisa, 24 anos e era estudante de Ciências Contábeis. Autodeclarada branca e heterossexual, professava a fé católica. Conheci a jovem através da rede mobilizada por minha amiga que facilitou minha inserção em campo. Era bastante “conversadeira”, como ela mesma se denominava, e era uma companhia de conversa constante no transporte para Sobral. Percebi, de imediato, que não é do tipo que possui dificuldades em fazer amigos, em se articular, em conversar. Mora com os pais, duas irmãs (mais velhas) e um irmão (caçula). O pai tem uma plantação e presta serviços em outras propriedades rurais. A mãe e uma das irmãs trabalham na cidade, no comércio. A outra irmã é graduada em Filosofia e está desempregada. Margarida vende produtos em catálogo, dinheiro que, segundo ela, usa para manter-se na faculdade sem ter que depender dos pais para cópias e lanche.

A vida de Margarida na comunidade era ilustrativa da maioria das jovens de sua idade. Seu tempo na manhã era ocupado com os afazeres domésticos (cuidado com a casa e feitura do almoço); no período da tarde, uma parte do tempo dedicado aos estudos e outra para receber ou fazer visitas às amigas e por volta das 16 horas começa a preparação para pegar o transporte e ir para Sobral, chegando de volta em casa aproximadamente

à meia noite. Aos fins de semana, a circulação dos jovens homens é muito mais intensa se comparada a das mulheres. Margarida, assim como a maioria das interlocutoras, reclama da falta de opções de lazer e das restritas possibilidades de sair para outros lugares, interdição que não se observa aos homens e que é destacada pelas jovens com quem conversei, embora existam meios de subverter a esse padrão, como indicam as interlocutoras. Tal situação também é percebida por Elisa Guaraná de Castro (2005, p. 293) entre mulheres de uma área rural fluminense, ao mostrar que “[...] estas não podem frequentar programas noturnos, a não ser em raras exceções [...] já os rapazes não parecem ser proibidos de sair, e assim, programas noturnos aparecem como suas preferências [...]”, pois “[...] os pais evitam que as filhas frequentem espaços onde não podem exercer controle ou que não existam redes de vigilância” (CASTRO, 2005, p. 294).

Para Margarida, a vida na comunidade rural, mesmo apesar desse maior controle, não é ruim e, antes de entrar para a universidade, não alimentava o desejo de sair de lá. Afirma que o fato da família desejar permanecer no lugar de origem e os fortes vínculos com boa parte dos moradores locais são fatores que a faziam pensar em continuar residindo na comunidade após a graduação.

A família dessa jovem confirma o desejo de que a filha permaneça lá. Ao conversarmos em sua casa sobre o que sonha para a filha, o pai afirma que gostaria de ver todos os seus filhos perto dele, no sertão, mas ocupando postos de trabalho fora da agricultura. O pai de Margarida dá como exemplo os jovens que se tornam professores (apesar da filha não cursar uma licenciatura), mas continuam em Alto Novo. Segundo o senhor, ganham bem, têm uma “vida boa” e moram perto da família, lugar de onde os filhos nunca deveriam sair, mantendo-se dentro de uma tradição camponesa (que não significa viver da agricultura, mas permanecer morando na comunidade).

Apesar de a grande parte das jovens ressaltar esse controle dos pais e uma vida mais limitada (de opções de lazer e trabalho, principalmente), muitas delas mostram desejo em permanecer desde que tenham emprego. Os atributos principais que destacam na vida do campo é o baixo custo de vida, uma rede de solidariedade e a tranquilidade (embora algumas pessoas mencionem o crescimento de assaltos na região nos últimos anos). Algumas mencionam também que gostariam de contribuir ativamente, de acordo com suas habilidades, para o desenvolvimento da localidade. Essas benesses do modo de vida no campo não são mencionadas por Lis, que nutre o sonho de viver fora de um meio que ela própria denomina como “cativeiro”. O desejo dessa jovem em migrar para uma cidade média ou grande advém da configuração de sua vida no campo, como apontado pela mesma.

Lis possuía 23 anos de idade à época do início da pesquisa. Era estudante de História. Declarou-se parda, heterossexual e católica. Namorava há aproximadamente um ano com um rapaz da localidade. Era a filha mais nova e possuía três irmãos, dois deles e a mãe trabalhavam na cidade, enquanto o pai tinha como ocupação o cuidado com a plantação num terreno próximo de sua residência. A referência a uma “casa cheia de homens machistas” liga-se à constante alusão feita por Lis em nossos diálogos ao que denominava como “cativeiro”, sinalizando para um forte controle realizado pelos homens da casa. Por isso, para Lis, viver em Alto Novo é sinônimo de falta de liberdade e de “castração”, termo lembrado frequentemente pela garota.

Ao ser perguntada sobre como esse controle se efetiva, a estudante é taxativa: “sempre!”. Dissecando o tema, Lis destaca que o que mais a incomoda são as proibições de sair de casa. Ironiza afirmando que já é quase uma parte da mobília de casa, pois quase nunca lhe é permitido deslocamentos para lazer e diversão, tendo que se contentar com programas como fazer visitas esporádicas às amigas em suas casas, permanecer nas calçadas, bater papo, ir à missa e passar um tempo na praça, importante lugar de sociabilidade juvenil local. O controle exercido sobre os deslocamentos femininos, para Lis, relaciona-se a dois fatores imbricados: o receio da filha ter uma vida sexual ativa e, conseqüentemente, da fofoca acerca desse fenômeno, o que nos faz pensar que a relativa restrição (ou sua tentativa) de ir e vir das jovens mulheres possui relação direta com o controle da sexualidade feminina, como já apontava Rosineide Cordeiro (2012) em trabalho com lideranças de trabalhadoras rurais pernambucanas. A partir do exemplo de Lis, mas que não é exclusivo dela, observamos a circunscrição de uma ordem moral de gênero (CORDEIRO, 2012), na qual os sujeitos se produzem dentro de um sistema prescritivo de ação que tem no gênero um marcador que assinala diferenças entre esses sujeitos – e, nesse sentido, destacamos que há adesão a esta ordem, mas também rejeição a ela. É importante salientar, como apontaremos, que essa ordem moral de gênero traz implicações para pensarmos as experiências vividas na cidade e na universidade, bem como a projeção do futuro.

Maria José Carneiro (1999) verifica que a ausência de atividades de lazer e diversão no espaço rural é, em grande parte, responsável por uma visão negativa que os jovens nutrem sobre o campo e, que muitas vezes, funciona como força motriz para as migrações para grandes centros urbanos. No caso das mulheres, além da falta de opções para diversão, ainda recai sobre elas algumas interdições. Lis reclama de não poder ir para festas e balneários mesmo nas proximidades, de não ter muita liberdade em casa e até mesmo de que o pai “empata” seu namoro, o que contrasta com os modos de vida de seus irmãos, plenos de liberdade desde a infância, quando lembra que ainda criança era mais “presa” à casa e aos afazeres domésticos e ensinada a “servir” os homens da casa.

Elisa Guaraná de Castro (2005) aponta nesta mesma direção: os mecanismos de socialização diferentes para meninos e meninas no campo provoca uma forte mobilidade destas últimas para os centros urbanos, pois além de excluídas da possibilidade do processo de sucessão das terras, reforça a divisão social do trabalho e a invisibilidade feminina, colocando a mulher em espaços inferiorizados. Além disso, o discurso de Lis sinaliza como as redes internas da comunidade, além do controle familiar, exercem fortes mecanismos de controle, que fica claro quando diz “não tem ninguém me controlando, dizendo o que eu posso ou não fazer”. A vida fora do campo significa liberdade, em contraste com a vida marcada pelo olhar vigilante da família e da própria comunidade, conclusão a que chega também Elisa G. de Castro (2005), que entende que “[...] quanto mais distante do espaço doméstico menor o alcance das redes internas do assentamento” (CASTRO, 2005, p. 281). Ir à Universidade significa um tempo de vigilância interrompida, pois é um espaço/momento não alcançado pela malha disciplinadora, de suspensão. A Universidade é compreendida pelos pais, geralmente, como responsabilidade e que as filhas ali estão para estudar – o que não significa que as pessoas da comunidade não usem do mecanismo da fofoca para levantar suspeitas sobre a honra das jovens

universitárias em relação ao que estas fazem em Sobral. É importante salientar que não foi observada nenhuma família que desejasse impedir ou dificultar a ida das filhas à Sobral, para a universidade, o que denota a valorização do diploma do ensino superior por parte das famílias – apesar da obtenção desse poder significar um afastamento, ainda que simbólico, entre as filhas e o núcleo familiar.

Se a comunidade rural e a família podem ser entendidas como cativo ou espaço que priva a liberdade das jovens, inclusive limitando os seus deslocamentos, a ida para Sobral se mostra, como apontam algumas interlocutoras, como rota de fuga da ausência de autonomia e como leque de opções para experiências que essas jovens não tinham na pequena comunidade. O caso de Lis é exemplar dessa premissa, que afirma desejar “viver tudo que Sobral pode proporcionar”, referindo-se a vivências que passou a cultivar na cidade onde estuda. Nesse sentido, devemos destacar que a própria interlocutora e a observação participante indicaram que existem jovens que usam como justificativa o fato de estudar em Sobral para “aproveitar” as benesses urbanas, isto é, muitas vezes faltam aulas ou viajam em dias em que sequer terão aulas apenas para desfrutar de um passeio no Boulevard do Arco, no shopping, em bares, no cinema e em outros lugares bastante usufruídos pelas juventudes universitárias que convergem para Sobral.

Para Lis, para quem o melhor de estudar na cidade é a liberdade que pode gozar, as experiências vividas em Sobral, junto com o sonho de concluir o curso e obter um emprego, são a grande motivação de sua vida. A estudante de História, diferente do modo de vida cultivado no campo, tem uma vida agitada em Sobral. Apesar de se declarar uma aluna aplicada, muito das horas que passa na cidade são dedicadas a outras atividades, de lazer, diversão, cultura e militância. Isso que a estudante chama de “aproveitar a cidade” não é uma prerrogativa apenas sua. A juventude universitária que converge para Sobral e os usos que fazem da cidade modelam tanto suas vidas como a própria configuração urbana.

Pode-se resgatar aqui a ideia de ecologia humana que permeia o pensamento de Robert Park (1967), segundo o qual agrupamentos de pessoas atuam sobre a cidade, conformando e influenciando o ordenamento urbano, no que diz respeito à população e às instituições. Sobral, enquanto “cidade universitária”, possui as marcas em seu funcionamento da influência do grupo de estudantes universitários. Além da especulação imobiliária, fruto da alta demanda por imóveis na cidade, sobretudo nas regiões próximas aos *campi* da UVA (bairros do Junco, Pedrinhas e centro), percebe-se, ao percorrer a cidade, comércios dedicados a atender ao público universitário, com “precinho de estudante”, como anunciam as placas à frente aos estabelecimentos. Contudo, é na noite, turno em que se concentra o horário de aulas da grande maioria dos estudantes da UVA e de outras IES, que se observa os usos que os jovens universitários, em sua maioria vinda de cidades vizinhas, fazem de Sobral, conformando-a.

É após as 19 horas, horário no qual o trânsito nas principais ruas sobralenses fica intenso com a presença de mais de uma centena de ônibus, micro-ônibus e vans vindos de municípios circunvizinhos, que podemos observar diversos jovens “aproveitando” a cidade. Notei, muitas vezes, que alguns estudantes sequer desciam nas respectivas paradas de suas instituições de ensino (algumas vezes não tinham aula e viajavam com o intuito de “passear” na cidade). O movimento de bares, sorveterias, shopping,

cinema e até mesmo supermercado aumentam significativamente quando os ônibus universitários chegam.

Os espaços que Lis mais frequenta são os que ela denomina de “alternativos”. Quando está no Centro de Ciências Humanas, onde estuda, está sempre rodeada de amigos, conversando nas mesas da lanchonete, nos corredores ou nas árvores ao redor do campus, geralmente com alguma bebida alcóolica e cigarros. Percebe-se que a jovem é bastante popular e protagoniza diversas interações no lugar onde estuda. Devemos acrescentar que Lis estava, no momento da pesquisa, ligada ativamente ao movimento estudantil da universidade. Além disso, outro importante lugar de socialidade da estudante era a Praça Quirino Rodrigues, conhecida popularmente como “Pracinha do FB”. Esse é o pedaço (MAGNANI, 1984) de Lis, que explica o seu “funcionamento” e como “entrou” no grupo:

Quando eu entrei na faculdade, eu fiz amizade com algumas pessoas daqui do campus e foi através delas que eu conheci o pessoal da Pracinha do FB, por que o pessoal daqui já conhecia, já frequentava lá [...] lá dá uma galera mais das humanas, das artes, uma galera mais politizada, sabe? A gente faz uns saraus, uns movimentos aqui, a galera da periferia vem [...]. Diferente daquela playboyzada que fica ali pelo Arco, a gente não vem pra pegar ninguém, pra mostrar que tá de roupa nova, a gente se reúne pra beber, tomar uns vinhos, umas cachaças, tocar violão, conversar da vida, fazer roda feminista, LGBT, articular o movimento estudantil. É claro que aqui também rola da galera se pegar, mas esse não é o objetivo principal, como parece ser em outros grupos, sabe.

A fala da estudante nos aponta para um processo também de politização do grupo, que impacta nos usos que são feitos da cidade. Nesse pedaço é comum encontrarmos, sobretudo, manifestações artísticas de grupos negros, LGBT e feministas. A universidade, a partir do curso de História, e as vivências nesse pedaço fizeram Lis encontrar-se como pessoa politicamente engajada, sobretudo pelo desejo de autonomia, sempre posto em suas falas. A reflexão feminista estava sempre presente nas suas narrativas, seja em entrevistas ou nas observações que fazia *in loco*. O que podemos observar é que, a partir da experiência urbana, Lis começa a contestar a cristalizada condição na qual foi educada e traçar rotas de fuga do que vivia no campo. A partir dos movimentos nos quais estava inserida, a estudante começa a viver um processo de empoderamento (termo utilizado pela interlocutora) que terá impactos também na comunidade rural e na maneira como a estudante nela é percebida, como apontaremos na próxima seção.

Açucena foi outra jovem de Alto Novo que tomamos como interlocutora. Na época de realização da pesquisa, tinha 26 anos, era estudante de Pedagogia de uma universidade pública, autodeclarada branca, heterossexual e católica. Entre as interlocutoras, era a mais próxima de concluir o curso superior, estava no último semestre e já atuava como professora de educação infantil na escola municipal da comunidade. Seus pais possuíam um pequeno comércio de fabricação de salgados (e seu pai também se diz agricultor, plantando esporadicamente no inverno) e suas duas irmãs trabalham fora, numa cidade vizinha, numa fábrica.

Antes de exercer o magistério afirma não ter tido nenhuma outra ocupação. É a única entre as interlocutoras que nunca realizou nenhum trabalho agrícola de ajuda aos pais. O fato de ter crescido num meio majoritariamente feminino e essas mulheres terem grande parcela no sustento da casa (Açucena gostava de repetir que suas irmãs

eram “mulheres independentes e autônomas”) pode explicar o fato da estudante de Pedagogia não ressaltar um intenso controle da sua vida por parte dos pais, como fez Lis. Em alguns lares, como no de Açucena, o trabalho feminino não representava apenas uma “ajuda em casa” ou “um dinheirinho a mais”, diferente do que observou Ignez Paulilo (1987) em contextos rurais paraibanos e catarinenses. Somente uma vez Açucena fez referência a certa influência do pai nos seus horários ou ambientes frequentados, o que comprova que há, de fato, um condicionamento da vida das jovens mulheres por parte sobretudo da figura paterna. Contudo, em nenhum momento, Açucena fala num destino de liberdade dos pais, da família e da comunidade, como faz Lis. Para ela, as experiências urbanas são oportunidades de “viver algo que não é possível viver no interior”, mas não se colocam como meta de vida, diferente de Lis.

Ainda em contraste com a estudante de História, os lugares preferidos de Açucena em Sobral são os territórios comerciais, como bares e restaurantes, na região do Boulevard do Arco, Teatro São João e Derby. Ela informa que sempre apreciou essa região, por “*achar bonito, jovem, iluminado, bem frequentado, coisa assim de rico, sabe [risos]*”. Confessa que sempre foi deslumbrada por aquele ambiente de Sobral, novidade para ela, que lhe “enchia os olhos” e que, mesmo que não ambicionasse morar lá ou em outro centro urbano, que desejava, vez por outra, usufruir daquele espaço e de tudo que ele é capaz de oferecer.

“Nos tempos de liseira”, diz Açucena, referindo-se ao período em que ela não trabalhava, ficava contemplando, da janela do ônibus ou mesmo das praças em que costumava passear com amigos, os jovens se divertindo nos bares e restaurantes, comendo, bebendo, rindo, se divertindo. Hoje, com seu salário de professora, reserva uma pequena parcela para o que chama de “pequenos prazeres” em Sobral. Afirma que se sente muito feliz de poder, com seus amigos, ir para um bar, conversar, falar sobre a vida, sobre as perspectivas de futuro, confraternizar. Foi em Sobral que diz ter realizado algo que aspirava desde criança: ir ao cinema. Aliás, as palavras de Açucena indicam a importância das novas experiências vividas em terras sobralenses:

Nossa, aqui em Sobral eu vivi muita coisa nesses anos de curso. Claro que teve muita dificuldade, mas também foi incrível e vou sentir muita saudade dessas aventuras que a gente vive aqui [...] por exemplo, aqui eu realizei o sonho de criança de ir ao cinema [risos] [...] das noites com os amigos, das vezes que fiquei na casa de alguma amiga aqui, das reuniões pra estudar, de reunir os amigos pra ir comer pizza, ir pro espetinho, as paqueras, isso tudo é muito bom, vai ficar na memória. É o tipo de coisa que não se vive lá no Alto Novo, então a gente aproveita essas coisas que Sobral oferece pra gente. Então, eu não sei como vai ser o futuro, onde vou morar, trabalhar, mas esse tipo de coisa que eu vivi aqui quero continuar tendo pro resto da vida. Essas coisas que a gente vive aqui acho que marca a gente, faz a gente pensar com outra cabeça, principalmente faz a gente pensar o que a gente quer pro futuro, né. Muito do que eu sonho hoje tem a ver diretamente com o que eu vivi, vivo aqui em Sobral. Aí tem outra coisa também, né, que é que parece que quanto mais você se insere nessa lógica da cidade, da própria universidade, isso parece que te afasta dessa outra lógica, dos costumes, do pensamento, do comportamento do interior.

“As coisas que Sobral oferece” aparece com destaque no discurso da estudante de Pedagogia – não só dela, mas de outras jovens do mesmo contexto. Percebe-se, pelo fragmento acima, como tais experiências, que adquirem significativa centralidade nesse período da vida dessas jovens mulheres, impactam tanto na constituição da identidade

dessas sujeitas como no delineamento dos seus projetos de vida, notadamente quando Açucena informa que *“as coisas que a gente vive aqui acho que marca a gente, faz a gente pensar com outra cabeça, principalmente faz a gente pensar o que a gente quer pro futuro”*. Lis também indica como esses anos em Sobral influenciaram naquilo que projeta para o porvir, sobretudo como as relações travadas a partir da universidade a impeliram a seguir uma vida de maior liberdade e autonomia, tendo na escolarização um sólido alicerce para sua efetivação. *“Meu diploma vai ser o que vai me possibilitar poder voar mais alto e ter uma vida diferente da que eu tenho hoje, dou muito valor a tudo que vivi em Sobral, aprendizados pra vida fora da universidade, mas principalmente ao meu futuro diploma”*, fala a estudante de História para destacar o peso da universidade em sua trajetória.

Maria José Carneiro (2005), ao realizar uma pesquisa sobre o “Perfil da Juventude Brasileira”, constatou que 95% dos jovens rurais conferem à escolarização uma condição ímpar para seu futuro profissional. É o que observamos com a maior parte das jovens investigadas que, independente dos caminhos escolhidos, assumem que a universidade é, para elas, uma importante mola mestra, definidora dos seus rumos (há uma metamorfose de projetos com a entrada na universidade e as experiências vividas em Sobral, como argumentaremos adiante) e lugar no qual “aprenderam a sonhar”. Essa última expressão foi muito utilizada por outra interlocutora, Rosa, que, à época da pesquisa, tinha 21 anos e era estudante de bacharelado em Ciências Sociais numa IES pública, em que cursava o terceiro semestre. Parda, católica e heterossexual, a vida de Rosa, na narrativa construída por ela própria, é marcada pela falta de reconhecimento, alguém cuja nem mesmo a família “botava fé”, expressão que faz menção à ausência de confiança na garota.

A estudante de Ciências Sociais morava com os pais e três irmãos (dois homens e uma mulher). A mãe, dona de casa, nunca exerceu atividade remunerada. O provedor da casa é o pai, que trabalhava num comércio na cidade e cultivava milho, feijão, hortaliças e legumes num terreno, em que os filhos costumavam ajudar. Rosa relembra que, na infância e adolescência, colaborava no serviço agrícola que ajudava no sustento da casa, embora destaque que realizava um “trabalho leve”, tipicamente infantil e/ou feminino, demonstrando que ainda é comum a hierarquização e naturalização das atividades agrícolas de acordo com o sexo, sendo o “trabalho pesado” o desempenhado pelos homens e o “trabalho leve” aquele exercido pelas mulheres (PAULILO, 1987). Entre as interlocutoras é a que carrega mais vivazmente memórias de um “trabalho na roça”, como ela frequentemente chamava.

Com uma trajetória escolar com certas irregularidades – diz sempre ter sido uma aluna dedicada, mas com bastante dificuldade de aprender – relata como foi difícil passar pela peneira do vestibular e a importância dessa conquista. Diz que a família nunca acreditou que seria possível vê-la ocupando uma vaga na universidade (reforça que seus pais nunca acreditaram no seu potencial), mas que esse resultado foi muito comemorado, como é comum entre as famílias dos novos universitários de Alto Novo.

Assim como Lis, a estudante de Ciências Sociais também menciona um controle paterno exercido sobre sua vida, o que corrobora o fato de, no mundo rural, o poder decisório da figura masculina, encarnada no pai, o patriarca, se sobrepõe às mulheres e filhos, sobretudo, filhas (GARCIA JR.; HERÉDIA, 2009). Pensamos que essa é uma premissa ainda mais verificável já que a maior parte do provimento do lar é garantido

pelo homem/pai, como nos casos de Lis e Rosa. Para esta última, as proibições paternas (que são similares as impostas à Lis e a outras jovens) não são vistas como motivo de saída da comunidade rural, diferente de Lis. Rosa entende que, com um diploma, o reconhecimento e valor oriundo deste e a independência financeira, resultado de um bom emprego, podem lhe render a vida que deseja, mesmo em Alto Novo.

Isso não significa que as experiências urbanas não apareçam com vivacidade no itinerário dessa estudante. Rosa, como a maioria das jovens que vêm de outros municípios para estudar em Sobral, tira um tempo para “aproveitar” a cidade e experimentar o que ela tem a oferecer. Durante o trabalho de campo, observei que a estudante costumava frequentar alguns espaços, fora a socialidade dentro do próprio campus. Era o supermercado localizado em frente à universidade, que abriga também algumas salas de cinema, um dos lugares frequentados praticamente todas as noites, seja antes ou depois das aulas ou ainda nos intervalos. Lá costumava, geralmente acompanhada por colegas de curso, comer um lanche e passar alguns minutos na praça de alimentação do estabelecimento. Diz também gostar de ir ao supermercado “só pra ficar vendo as coisas”, percorrendo as muitas alas do local, o que pode parecer estranho, o que para mim o foi, mas ela explica que “lá onde eu moro a gente só compra as coisas nas bodegas, aí eu acho bom ficar vendo os produtos, muitos que eu nunca nem tinha visto”.

Além do supermercado, em algumas noites, Rosa vai, também acompanhada por amigos do campus, tomar sorvete ou comer um espetinho em comércios próximos, o que vira uma grande festa, com muitas conversas, risos e fotografias que vão imediatamente para as redes sociais. Outrossim, outra prática comum no cotidiano de Rosa e outras jovens em Sobral é aproveitar quando o professor falta ou nos dias de provas, em que se sai mais cedo da universidade, para passear pelo shopping ou pelo Boulevard do Arco e ruas adjacentes, locais fartamente consumidos pela juventude universitária em Sobral. *“São momentos de descontração que a gente precisa e vão ficar marcados pra sempre na nossa memória [...] é muito bom poder viver isso, eu gosto demais”.*

“Aproveitar” a cidade de Sobral e os entretenimentos disponíveis não significa que Rosa e outras jovens não se dediquem aos estudos. Pelo contrário, para Rosa, de tudo o que a cidade pode lhe oferecer, “o mais importante, o que vai permanecer, o que vai decidir meu futuro” são as oportunidades acadêmicas que a universidade lhe propicia. Muitas horas do seu dia são voltadas para o estudo, pois em Alto Novo filhos e filhas costumam não exercer muitas funções para terem tempo necessário para aplicar aos livros e apostilas. Rosa, que carrega uma trajetória escolar “fraca”, como ela mesma diz, dedica-se bastante aos textos do curso, pois entende que só o diploma universitário será capaz de lhe dar um “bom futuro”, em qualquer lugar, em Alto Novo ou fora dali. Elisabete Silva (2013) entende que os processos de escolarização das jovens rurais, para além da perspectiva da migração para centros urbanos, estão relacionados à busca pela autonomia e diminuição das desigualdades entre homens e mulheres. É isso que observamos ao analisar a trajetória de Rosa. Sua busca por reconhecimento, por um diploma e por um emprego tem por motivação sua maior autonomia, ainda que no espaço rural, pois esse lugar também possui seus atrativos para algumas jovens, como Rosa, que entende que tanto a cidade como o campo têm seus aspectos negativos e positivos.

É importante destacar nesta seção os traços que distinguem a constituição de jovens universitários homens e mulheres de Alto Novo nesse trânsito entre campo e cidade. Apesar de o trabalho de campo ter se concentrado em trajetórias femininas, pode acompanhar, ainda que de forma secundária, o desenvolvimento das histórias dos jovens rapazes, seja na comunidade rural, seja em Sobral. Um fundamento básico é que, como dito anteriormente, o controle que se exerce sobre as mulheres (que agenciam estratégias de subversão, muitas vezes) não se verifica entre os homens. Tal fato, acreditamos, leva a pensarmos a fruição da cidade/universidade de forma distinta em relação ao gênero – o que também reverbera na própria formulação de projetos a partir de orientações e motivações diferentes.

Se a ida para a cidade (nesse caso, não se tratando de um movimento migratório) é entendido, por grande parte das mulheres, como estratégia de busca de um refúgio, um “lugar clemente”, como descreve Eribon (2008), em que as pressões sufocantes, típicas das pequenas cidades e áreas rurais arrefecem, não é isso que se observa entre os homens, já que, para estes, as diferenças entre a comunidade rural e a cidade são menores, pois o campo já funciona como esse “lugar clemente”, onde possuem o que falta às mulheres. Uma boa constatação observada para ilustrar isso é o fato de que é muito mais comum vermos as mulheres em locais de socialidade e entretenimento, enquanto os homens trocam menos a sala de aula por esses lugares ou até mesmo nos momentos em que estão sem aula não apresentam o mesmo desejo de “aproveitar Sobral”. Certa vez, compartilhei dessa percepção com Lis, ao que a jovem respondeu sorrindo: “É porque eles não precisam, eles já podem se divertir lá, pra gente é mais difícil, por isso é mais comum as mulheres aproveitarem esse tempo aqui, que é de mais liberdade”. A fala da estudante de História é bastante esclarecedora a respeito das implicações das relações de gênero no que concerne às experiências urbanas em Sobral. A cidade, para essas mulheres, é um lócus para “aproveitar” e desfrutar de oportunidades e vivências que lhes são negadas (ou melhor, dificultadas) no espaço rural.

Ainda sobre a reflexão acerca das experiências urbanas e, por conseguinte, ao itinerário universitário dessas jovens mulheres, cabe apontar para um fenômeno multifacetado, que deve ser lido com bastante cautela. Muitas falas das interlocutoras chamam atenção para pensar a alteração das relações e laços familiares após o ingresso na universidade, que coloca essas jovens mais diretamente em contato com “[...] os valores do universo simbólico da modernidade, adquiridos na sociabilidade na cidade” (CARNEIRO, 1999, p. 13). Tal como pensado por Bourdieu (2006), observamos como as jovens mulheres são mais suscetíveis à influência dos valores urbanos (é comum os próprios estudantes elaborarem o posicionamento de que os jovens homens “mudam menos” com a experiência universitária). Açucena aponta para essa dimensão:

Depois de entrar na universidade, em contato com algumas coisas novas, até a relação com a família muda, não sei muito dizer como, mas muda. A gente passa, querendo ou não, a viver um outro mundo, que as pessoas de Alto Novo não têm acesso. Minha mãe diz é muito isso, que eu antes era de um jeito e hoje eu mudei. Então, meio que muda nossos gostos, desejos, até do que a gente gostava antes, passa a ter um outro olhar hoje, passa a querer outras coisas que antes não queria. Então é isso. Parece que a gente vai se desprendendo de algumas coisas e se prendendo mais a outras [...] meu pai diz sempre que o povo que vai estudar em Sobral

fica tudo de cabeça virada [risos]. Aí tem isso, eu vejo que a relação com a família muda um pouco, fica diferente, mas é claro que continua sendo família e o amor é o mesmo.

Açucena exemplifica tal “mudança” com um tema interessante para pensar uma importante inflexão das jovens mulheres a partir de outras vivências distantes do rural: a instituição casamento. A estudante de Pedagogia relata que é comum às meninas, mulheres, cultivarem o desejo pelo matrimônio, que ocupa no espaço rural um lócus privilegiado e configura-se como fundamental rito de passagem à vida adulta (BOURDIEU, 2006; NASCIMENTO, 2008). Contudo, aquilo que já foi seu sonho, naquele momento não era mais, pois sua “visão de mundo” havia mudado e junto com a universidade veio a descoberta da existência de outras possibilidades, mais atrativas do que as aspirações anteriores – o que é, em certo sentido, motivo de tensão ou certo desconforto da família, cuja mãe, sobretudo, gostaria de ver a filha casada o quanto antes, pois também há uma preocupação dos pais de que as filhas não se envolvam com muitos parceiros antes de contrair matrimônio, assim como no contexto investigado por Grazielle Dainese (2017) no interior mineiro. Uma importante mudança pontuada por Lis, após o ingresso numa maior vivência urbana, é o uso de roupas, maquiagem e acessórios com o sentido de buscar uma maior proximidade com os valores que ela julga típicos das mulheres citadinas, sobretudo a liberdade, associação também constatada por Bourdieu (2006). Assim como a família de Açucena, os pais de Lis não enxergam como positiva essa transformação e, por vezes, configura-se como motivo de discussão

O processo de escolarização no ensino superior, efetivado no espaço urbano, ocasiona um tensionamento com a família. O projeto educacional dos filhos, a nosso ver, não dialoga com uma proposta de fixação dessas jovens no campo, na maior parte dos casos, antes é majoritariamente pautado por uma lógica citadina. Introduce-se, assim, um capital cultural que se choca com uma ética camponesa. Capital que a geração anterior e até a mesma geração (irmãos que não são universitários, por exemplo) não possuem. Lis afirma que, após o ingresso na universidade, as novas experiências e o que tem aprendido no curso de História tem a distanciado desse *ethos* em que foi criada, que não se sente bem na companhia de seus próprios irmãos, pois segundo a jovem, seus diálogos não mais se coadunam. Mesmo nos pequenos detalhes do dia a dia, a diferença de pensamento e comportamento é tão nítida e notória que a estudante diz preferir ficar sozinha em seu quarto, já que o universo fora dele não mais lhe cabe. Lis não gostava de que em sua casa alguém iniciasse uma conversa comigo, segundo ela por que seria só aborrecimento, pois são pessoas “ignorantes” e sem nenhum trato para conversar com alguém. Em um momento muito emocionante em que Lis falava acerca dessas questões, a jovem confessou que gostava de estar na minha companhia, pois eu me aproximaria do seu modo de pensar e entendia suas angústias.

Não desejamos afirmar que o prolongamento da escolaridade dessas jovens é incompatível com o desejo familiar. Pelo contrário, as famílias fazem grandes investimentos materiais e simbólicos na formação das filhas, que reconhecem que a rede de solidariedade tecida pela família é responsável por sua entrada na universidade. O que observamos é que pais e mães esperam que suas filhas portem um diploma para ascender socialmente e ter (e lhes dar) melhores condições de vida, desde que estas se mantenham morando

na comunidade ou ainda em localidades próximas, pois espera-se que as filhas se responsabilizem com os cuidados familiares. Acontece que as aspirações das filhas se expandem com a vivência urbana/universitária e passam, algumas vezes, a ir de encontro com os projetos familiares. Dessa forma, com um campo de possibilidades vertiginosamente ampliado, essas jovens, uma vez escolarizadas, tendem a desejar se descolar da lógica na qual cresceram.

As experiências urbanas, a imersão num universo simbólico diferente do qual foram socializadas, os projetos cultivados pela família e os sonhos fomentados a partir de viver a universidade se somam e resultam num processo contínuo e complexo que produzem, reproduzem e adequam projetos de vida, como veremos mais detidamente a seguir.

3 Os Projetos de Vida sob os Impactos das Experiências Urbanas

Apesar de a pesquisa envolver jovens mulheres que, à primeira vista, podem parecer um bloco coeso e homogêneo, possuidoras de *habitus* similar, e, por isso, com uma tendência de seguir as mesmas direções projetivas, observa-se que as experiências particulares produzem caminhos divergentes, a depender da trajetória de vida de cada uma (VELHO, 2003). Os projetos partem de experiências biográficas dos sujeitos, que vão se entrelaçando uma a outra, que implicam na (re)elaboração de suas aspirações. Se o desejo de todas é o que denominam “realização”, cada uma deseja percorrer diferentes itinerários para chegar a “ser alguém na vida”. Se para Lis, realizar-se é ter autonomia e liberdade em relação à família, para Margarida a ênfase se encontra na dimensão econômica, para ter tudo que sempre quis e dar uma vida confortável aos pais. Rosa, estudante de Ciências Sociais, com uma história escolar difícil e uma conturbada relação com o pai, pretende trilhar um futuro de reconhecimento de si mesma. Açucena coloca a ênfase do projeto nos sonhos familiares, mostrando que a família é seu grande alicerce, embora deseje subverter alguns passos e se “descolar” do grupo familiar. Nas palavras de Gilberto Velho (2003, p. 41):

Trata-se de diferenças de motivação vinculadas a trajetórias e leituras específicas do sistema simbólico que constitui a cultura de que participam [...] O objetivo seria demonstrar que dentro de um universo que, segundo critérios socioeconômicos como renda e ocupação, poderia ser visto como homogêneo, encontram-se fortes descontinuidades em termos de *ethos* e visão de mundo.

Embora os planos divirjam de acordo com os contextos vivenciais de cada uma das jovens, e elas tenham certa liberdade para elaborar seus projetos com relativa autonomia, suas aspirações futuras são sempre elaboradas num dado campo de possibilidades, isto é, dentro de condições delimitadas objetivamente pelo contexto social e cultural de uma sociedade. Sobre isso, pontua Velho (2003, p. 26-27):

Os projetos são elaborados e construídos em função de experiências socioculturais, de um código, de vivências e interações interpretadas [...]. Formula-se e é elaborado dentro de um campo de possibilidades, circunscrito histórica e culturalmente [...] Em qualquer cultura há um repertório limitado de preocupações e problemas centrais ou dominantes.

Verifica-se no trabalho de campo como os projetos possuem uma capacidade de metamorfose, como indica Velho (2003). Se o campo de possibilidades das interlocutoras é bastante restrito até a entrada na universidade, este se amplia com as vivências universitárias e as demais experiências urbanas. Um exemplo recorrente disso é o fato de as interlocutoras relatarem o desejo por fazer mestrado e doutorado após a graduação, o que não fazia parte das suas aspirações ao entrarem no curso superior. Outro caso que elucida a metamorfose dos projetos é o fato das interlocutoras, em sua maioria, não desejarem mais morar na comunidade rural e sim em grandes centros urbanos, projeto incompatível com as aspirações familiares, que, via de regra, desejam que as filhas terminem a graduação e exerçam sua profissão no lugar de origem. Aliás, esse é um ponto controverso e interessante para refletirmos sobre os conflituosos processos de tensão e ambiguidade entre projetos familiares/coletivos e individuais.

Embora o desejo de Açucena para o futuro seja o de permanecer em Alto Novo, ela pontua que grandes realizações profissionais só podem ocorrer distante da comunidade. Essa questão apresenta-se como dilema na vida desta jovem. Se, de um lado, a família faz parte de um projeto coletivo e não deseja estar longe dos pais e irmãs, não vê grandes possibilidades de crescimento em Alto Novo e dimensão profissional da vida também se mostra importante para essa jovem. O desejo pela realização do mestrado, do doutorado ou ainda de outro curso superior, bem como o sonho original de ser enfermeira apresentam-se como angústia, uma vez que isso é incompatível com aquilo que a família precisa/deseja. Gilberto Velho (2003), citando Turner, afirma que os projetos em negociação com a realidade e a confrontação com outros sujeitos, indivíduos e grupos, podem gerar situações de drama social, como a qual se insere Açucena, entre seus sonhos e o projeto coletivo familiar. Acrescenta Velho (2003, p. 46):

A opção pode ser permanecer no seu grupo original com pouca gratificação, frustração e escasso prestígio ou sair em busca de novos espaços físicos e sociais. Essa experiência pode ser traduzida na aparentemente banal mudança de um subúrbio para Copacabana, na opção de um cavaleiro medieval que parte para as Cruzadas, num amante frustrado que muda de nome e vai para a legião estrangeira, ou até no suicídio propriamente dito.

Assim, apesar de Açucena já ter optado por ajudar a realizar o projeto coletivo, em alguns momentos, observa-se uma tensão na decisão, destacando que sair, estudar, seria muito bom para a construção de uma carreira bem-sucedida. Todavia, não parece haver um descolamento da jovem do grupo familiar, a individualização dos projetos encontra-se em segundo plano e permanecer significa a promessa de fidelidade ao conjunto familiar, tão valorizado e central na vida de Açucena, exibindo, destarte, que “[...] a família nuclear passa a ser um verdadeiro indivíduo-coletivo nos termos de Dumont” (VELHO, 2003, p. 70). Pensar no projeto de vida de Açucena requer registrar um jogo ambivalente, entre permanecer e sair, entre realizar os seus sonhos ou colaborar na realização dos sonhos familiares, entre hierarquia e individualização e potencialidade observados nos meandros de suas falas. No cotidiano, pensa e repensa os projetos para driblar as poucas condições objetivas de vida e entre incertezas e dificuldades, alimenta sonhos e projetos individuais e coletivos para satisfazer a si e aos seus. Uma escolha que surge do reconhecimento da

centralidade da família e corre para um futuro bifurcado, com algumas direções a seguir, mas ainda inconclusas e abertas a incertezas.

Conforme argumenta Gilberto Velho (2003), embora exista um projeto coletivo familiar, este é vivenciado e percebido de formas diferentes pelos diversos membros. Velho (2003) usa o exemplo de Catarina, jovem açoriana que migrou com a família para Cambridge, em busca de “fazer a América”, sonho compartilhado pelo núcleo familiar, que viu na escolarização dos filhos um caminho possível. O autor percebe, por exemplo, como as diferenças etárias fazem com que o projeto coletivo ganhe contornos diferentes, pois enquanto os pais de Catarina trabalhavam arduamente e tinham nos estudos dos filhos esperanças em relação ao futuro, o que mais encantava Catarina era a possibilidade de mudar de vida – não no sentido atribuído pelos pais, mas dentro do seu novo campo de possibilidades. Catarina transitava entre dois domínios socioculturais, vivendo um conflito característico das sociedades complexas, em que “[...] a multiplicidade de referências, seja em termos de grupos ou de atitudes, as vezes aparentemente contraditório, leva à problemática da fragmentação, para alguns autores, um dos indícios da modernidade” (VELHO, 2003, p. 97). Da mesma forma, o projeto coletivo/familiar que via na trajetória acadêmica de Açucena a solução para os problemas familiares (por exemplo, a irmã de Açucena teria seu curso superior financiado pelo salário de professora da primogênita), tal projeto passa a rivalizar com os novos sonhos alimentados pelas experiências urbanas adquiridas pela estudante de Pedagogia.

Além de o projeto familiar estar vinculado ao trabalho de Açucena para financiar os estudos de uma das irmãs (tido como “sonho”), outro impedimento para a realização de um projeto de extensão de sua escolaridade (como cursar o mestrado e doutorado que aparecem entre suas aspirações) é o de que cabe, tradicionalmente, às mulheres o cuidado com o núcleo familiar. Pude acompanhar algumas falas que corroboram essa premissa apresentada pela própria Açucena. Dessa forma, apesar dessas jovens frequentarem a universidade e fomentarem projetos alicerçados pela educação formal, elas sabem que uma responsabilidade da qual não podem fugir é a do “cuidar dos seus”, o que equivale a uma maior dificuldade de deslocamento para realizar projetos distantes do local de origem. Os rapazes não são limitados por essa lógica, exceto aqueles que são filhos únicos. As próprias interlocutoras apontaram que os homens são mais livres para circunscrever seus projetos, exceto se forem filhos únicos de sua família. De fato, a preocupação com o “cuidado” – que está diretamente ligado a “estar próximo” – familiar aparece muito mais entre as mulheres do que entre os homens.

A respeito da abdicação do projeto individual para a realização do projeto coletivo familiar, podemos concluir que a clivagem de gênero possui relação em tal “sacrifício”, termo utilizado por Açucena. O que nos parece claro, é que sendo o membro familiar com maiores possibilidades financeiras, seria “justo” colaborar com os demais, ainda que para isso tivesse que abrir mão de suas aspirações tecidas no seio da universidade, no curso de Pedagogia. Somado ao fato de mostrar uma interiorização daquela lógica rural em que cabe às mulheres os cuidados com os pais. Açucena passa por um processo de reorganização do projeto, tendo que transitar por caminhos não desejados, mas necessários para o bom andamento familiar, sob pena de uma ruptura com o grupo. Fleischer e Batista (2012), em etnografia com idosos portadores de “doenças compridas”,

como hipertensão e diabetes, atestam que essas patologias figuram como empecilhos e interrupção de um projeto de esperança e renovação, mas que podem ser burladas e seus projetos reinventados, à medida que lidando com elas, conseguem se reconfigurar e construir, em meio a adversidades, autonomia, refazendo um tempo de bonança, ainda que doentes. Entendemos que, embora Açucena necessite reposicionar seus projetos, vive um momento de tentativa de construir um caminho que, conquanto não seja o que desejava, ainda possa lhe levar à paragem almejada.

Para Lis, estudante de História, o cerne do projeto é o desejo de liberdade. Anseia ter uma vida diferente da que tem, “amarrada dentro de casa, sem poder fazer nada, obedecendo ordem de todo mundo”, como relata com suas próprias palavras. Seu desejo inicial era ser médica, mas precisou se adaptar às condições objetivas, dentro daquilo que Bourdieu (2007) denomina “causalidade do provável”. Ao tentar vestibular várias vezes para o curso de Administração e não lograr êxito, a jovem resolve por um “pragmatismo”, como ela mesma coloca, cursar uma licenciatura, já que o retorno financeiro é imediato, “não falta emprego para professor”, relata, explicitando a racionalidade presente no projeto. Consideramos que a estudante de História é, entre as interlocutoras, a que mais demonstra uma tentativa de ruptura com a comunidade, sobretudo com o que a família representa, o que não significa que o grupo familiar esteja excluído dos seus projetos. Quando fala de ter um emprego, após a universidade, são os pais com quem primeiro deseja compartilhar os louros da vitória, embora morar em Alto Novo só fosse uma saída “na última, última das hipóteses, nos meus piores pesadelos”, pontua Lis.

Apesar de entusiasmada com a longevidade escolar, teme que os sonhos não se concretizem, apontando como maior medo ter um diploma e não possuir um emprego, o que lhe obrigaria a permanecer em Alto Novo. O fato de anunciar abertamente que não pretende continuar na comunidade é entendido pela família e pelos mais próximos como ingratidão da filha, que deseja “largar” os parentes, segundo sua concepção, e ir para longe tentar a sorte. Apesar da existência de jovens que migram para outras cidades, o esperado é que, se possível, os filhos permaneçam ao menos próximo dos pais, prestando-lhes toda assistência possível. É isso que os pais projetam, via de regra, ao sonhar com a conquista do diploma dos filhos. Nesse sentido, Lis é tomada como desviante de um paradigma local. Sobre a importância do contexto cultural e do sistema de pensamento de uma sociedade, afirma Gilberto Velho (2003, p. 28):

Os padrões de normalidade legitimarão ou não dentro de uma situação particular as condutas e ações individuais. Um código ético-moral definirá o errado, inadequado, incestuoso, impróprio, sujo, poluído, perigoso que possa haver nos corações e mentes dos homens e nas suas condutas e interações.

Na interpretação de Lis, sua família e os mais próximos entendem que a jovem “nega” seus parentes, tornou-se “besta” pelo contato com outras pessoas em Sobral e se mostra egoísta, por não mostrar que o seu maior interesse é a família (ao contrário do que mostra Margarida, por exemplo). Como bem acentua Velho (2003, p. 59), “[...] existe a ideia de que sua mente é corrompida por agentes externos às fronteiras da sua sociedade, tornando-se massa de manobra de interesses de fora [...] desarruma e desorganiza uma ordem natural”. Para esse autor, o contato com outros grupos e círculos,

como ocorre na experiência universitária dessas jovens, pode afetar vigorosamente a visão de mundo dos que transitam entre universos diferentes, “[...] estão mais sujeitos do que em sociedades de pequena escala a invasão de seus mundos, a irrupções e crises ocasionadas pela proximidade física e sociológica com outros estilos de vida e definições de realidade” (VELHO, 2003, p. 32).

Podemos perceber, assim, os reflexos da experiência universitária que potencializam projetos e sonhos na trajetória de Lis, que após descobrir as benesses e atrativos da cidade, passou a desejá-los em detrimento da vida no campo. Lis, portanto, pretende se descolar, se desvencilhar dos modos de vida da comunidade onde vive. Velho (2003, p. 48) explica que aquele que mais se individualiza no processo de elaboração dos projetos é alvo de estigma, como já posto, denominado muitas vezes de “[...] ingrato, avaro, egoísta [...] o que se individualiza mais é potencialmente um desviante na medida em que, por sua própria trajetória, tenderá a não ser ortodoxo aos costumes e normas de onde se saiu”.

É nessa situação em que se encontra Lis, com o projeto de se individualizar, mostrando em sua fala um desejo de ruptura com uma ordem natural e moral prescrita pela família, de quem deseja se afastar. Deseja concluir a faculdade, ter emprego, morar sozinha e “aproveitar a vida”. Por outro lado, embora haja o projeto de construir uma vida solitária, em nenhum momento o núcleo familiar deixa de orbitar as preocupações de Lis. O “medo de sobrar” (NOVAES, 2006), ou seja, não conseguir realizar seus projetos é algo que afetaria tanto a jovem quanto a família, pois a estudante demonstra uma grande obrigação moral para com os pais e irmãos, apesar de não desejar compartilhar de suas tradições e costumes.

Lis apresenta, portanto, um projeto de recusa da reprodução da vida que leva atualmente. Recusa o estilo limitador no qual foi criada. Recusa o trabalho agrícola. Recusa a vida em Alto Novo, embora seja nítido que não há uma completa ruptura ou descontinuidade, haja vista que a família ocupa lugar na elaboração do projeto de liberdade. Se a finalidade última do projeto de Lis é a autonomia, a preocupação moral com os pais circunda sua cabeça também. As interações no meio em que foi socializada não lhe permite um engajamento dentro da perspectiva cultural local, mas, sem dúvida, o parentesco pulsa forte na condução dos seus projetos.

Inspirado em Schutz (2012) quando afirma que todo projeto tem um porquê e um para quê, pode-se pensar o projeto de Lis como recusa à vida e ao sistema de pensamento em que foi socializada, caracterizado pelas limitações do que poderíamos identificar como sua agência (ao menos em tese, já que a própria jovem revela estratégias para burlar o olhar vigilante do pai). Seu projeto aponta para em direção aos ventos futuros de liberdade, que virão com um diploma e um emprego, mostrando como “[...] agencialidades femininas podem ser experimentadas na construção de um projeto pessoal de emancipação, que está relacionado às possibilidades de crescimento individual via estudo e carreira profissional” (MANGUINHO, 2018, p. 48).

Em comum, entendo que as trajetórias e projetos de Lis e Açucena são fortemente condicionados pelo gênero, ainda que de maneira oposta. Se, de um lado, a estudante de História projeta um futuro de liberdade e autonomia, longe das restrições com as quais fora criada por ser mulher, Açucena, embora tenha produzido projetos individuais a partir das vivências na cidade e na universidade, é levada a redimensionar seus projetos por, entre

outros aspectos, ser mulher, de quem se espera o “cuidado” com os pais. A arquitetura dos projetos, em ambos os casos, deve ser pensada a partir do marcador gênero.

Ao refletir acerca dos projetos de Margarida, estudante de Ciências Contábeis, parecem ser as condições econômicas da família as forças motrizes que impulsionam seus projetos, alicerçado na racionalidade e na base material da vida. São onde “nascem” os projetos (SCHUTZ, 2012), o motivo que leva a formulação dos desejos. É o que pondera também a jovem ao afirmar que “quem conhece a pobreza de perto, não quer ver ela nunca mais, por isso eu estudo, eu batalho, enfrento tudo”. Os estudos, a universidade, o diploma é o que possibilitará, conforme a jovem, uma vida de conforto e de realizações materiais para si e para os seus, maior objetivo do seu futuro – ao menos, até então. Destaco que a própria jovem se enxerga como uma mulher de garra, com força e vontade para conquistar seus sonhos, mas que essa autoconstrução se dá a partir do encontro com Sobral e com a universidade, como aponta.

Margarida não é precisa ao falar de seus projetos, aponta para inúmeras direções, mas destaca o “ter”: ter boas condições de vida, ter dinheiro e ter tudo aquilo que este pode lhe oferecer. Assim, os rumos profissionais ficam em aberto, desde que “seja algo que dê dinheiro”, conforme relata. As aspirações financeiras da jovem, segundo seu olhar, podem lhe levar a construir novos caminhos, ainda não pensados, mas que são possíveis de serem trilhados a partir da ascensão social. Os planos mais concretos e possíveis, segundo sua própria classificação, é o de trabalhar e juntar um dinheiro para abrir um escritório de contabilidade, seja no Alto Novo – o que é pouco viável, informa – ou numa cidade nas proximidades. Ao entrar na universidade e ter acesso a uma maior miríade de opções e uma ampliação do seu campo de possibilidades, passou a cultivar o desejo por ser professora universitária, mas confessa considerar difícil a realização deste projeto. Ao mesmo tempo que o projeto não é preciso, podemos perceber bastante determinação da jovem em fazer um bom curso superior e uso das prerrogativas que o diploma pode lhe render. Para qualquer rumo que tomar na vida, a certeza é que os conhecimentos adquiridos na universidade são condição imprescindível para a realização pessoal e profissional.

Para Margarida, permanecer ou sair é uma questão secundária, diferente de Lis, para quem a saída é imperativa. O que a jovem deseja mesmo é não reproduzir um passado de pobreza e miséria, que conheceu de perto, para tanto batalhando com seus livros e cadernos para atingir o projeto de “ser alguém na vida”. Constatamos a reiterada fala acerca de um tempo de pobreza, sentido, experimentado e narrado com dor, cuja repetição deve ser evitada. Nesse sentido, concordamos com Fleischer e Batista (2012) quando essas autoras afirmam que a percepção da trajetória passada permite o planejamento futuro e a ele dá sentido. É se remetendo ao passado da falta que Margarida desenha com palavras o seu projeto nas suas falas.

Rosa, que cursa Ciências Sociais, afirma que, após o ingresso na universidade, viu que a opção pelo bacharelado foi errada, devido à difícil inserção no mercado de trabalho, mas pretende concluir o curso e fazer também a modalidade licenciatura, que lhe renderia, pelo menos, o emprego de professora de sociologia, que é o que, de fato, mais figura em seus discursos como exercício profissional futuro, quando a jovem apresenta o plano de estudar para os próximos concursos do magistério, o que já representa uma metamorfose

de um desejo inicial de ser socióloga e atuar como tal. Rosa afirma que qualquer outra ambição pessoal, hoje, está condicionada a uma colocação profissional, estabelecendo um encadeamento de passos e estratégias de realização do projeto, já que verificamos que a aquisição de um emprego é um pilar fundamental, o que corrobora com Velho (2003, p. 69), ao postular que o projeto “[...] implica algum tipo de avaliação, uma estratégia, um plano para realizar certas metas, uma noção de tempo com etapas se encadeando”.

Embora vislumbre o magistério como opção mais viável, esse não era o plano original da jovem, aquilo que mais lhe satisfaria profissionalmente. Apesar de dizer que nunca teve um grande sonho profissional, diz possuir o desejo de ser reconhecida, de “ser alguém na vida”, para poder mostrar aqueles que um dia duvidaram da sua capacidade, o que inclui seu pai. Faz menção a isso se referindo ao fato de nunca ter sido uma “aluna brilhante” e ter recebido chacota na adolescência. Viu no exercício da profissão de cientista social, que considera “elegante”, típico de intelectuais, a possibilidade da visibilidade e de reconhecimento, de que tanto fala em momentos diversos. Hoje mostra-se desanimada em seguir a carreira que escolheu trilhar, fazendo planos de lecionar, caminho mais viável, segundo ela, pois diz não ter as mesmas oportunidades que alguns outros por não poder usufruir da universidade integralmente, entre outros, pelo fato de não morar em Sobral. Evidencia-se que falar em projetos é falar em possibilidades a serem exploradas pelo sujeito, mas também do reconhecimento das estruturas e dos limites impostos por essas (VELHO, 2003).

Ao falar em condições materiais para sobreviver, Rosa, diferente de Margarida, não ambiciona um projeto com grandezas econômicas. Não fala em ascensão social, em projetos que a levem a construir um patrimônio material. Insere-se dentro daquilo observado pela socióloga Aleksandra Oliveira (2015), ao investigar projetos de vida de jovens secundaristas cearenses de classes populares, que em sua maioria, anseiam direitos elementares previstos constitucionalmente a todos os cidadãos brasileiros, que confirmam o mínimo de dignidade à pessoa humana, como direito à moradia, educação, transporte e trabalho. Dessa forma, Rosa afirmou várias vezes que os rendimentos econômicos não são seu grande motivador, embora necessários e a jovem aponta para a consciência dessa necessidade.

Outro ponto que devemos destacar sobre Rosa é sobre a impossibilidade da permanência em Alto Novo para a realização do projeto (“e como lá em Alto Novo já tem uma pessoa efetiva em sociologia, eu sei que não tem como permanecer lá”). Inicialmente, a jovem, bem como Margarida mostra-se indiferente quanto a sair ou permanecer no lugar de origem, mas nesta fala ela revela que, se concretizado o projeto atual, não há possibilidade de permanecer. Assim, espera e torce para que consiga lotação numa das cidades circunvizinhas, mostrando assim como na pesquisa de Kamila Sousa (2016) com jovens assentados do MST, que mesmo que o projeto não seja definido no local de origem, suas rotas são, muitas vezes, traçadas nos arredores deste. Segundo Rosa, “até por que é natural que aqui não tenha espaço para todos, né, é compreensível”. Recusa a possibilidade de viver em um grande centro urbano ou até mesmo em uma cidade média, como Sobral, alegando que o modo de viver nesses locais é muito diferente daquilo com o que está acostumada, com a vida tranquila de Alto Novo, que lhe apraz. Sobral, para Rosa, é uma experiência “interessante”, como a jovem nominou, porém

com tempo de validade determinada: o fim da graduação. Enxerga a cidade como lugar de oportunidades inexistentes em cidades pequenas, todavia deseja apenas usufruir o que pode lhe oferecer de bom, o curso superior. A intenção é aproveitar-se do “melhor dos dois mundos”, interseccionando e aproximando o rural e o urbano e seus limites e possibilidades. Rosa e muitas outras estudantes enxergam os centros urbanos com pontos positivos e altamente atrativos, mas desejam se aproveitar apenas das vantagens da urbe, negando os traços negativos que o estabelecimento definitivo na cidade média/grande pode acarretar. É o que chamei de “jogo com a cidade” (BRAGA, 2018).

4 Considerações Finais

As experiências urbanas vivenciadas pelas jovens estudantes oriundas de pequenas comunidades rurais trazem implicações e novos traços constitutivos de seus itinerários biográficos e, por conseguinte, em seus projetos de vida, como buscamos demonstrar. Viver a cidade, seus atrativos, estabelecer novos contatos e tecer novas sociabilidades reverberam na vida de jovens que, até então, possuíam pouco contato com a cidade e o que ela pode oferecer. Nos usos da cidade, na elaboração de seus pedaços, no cotidiano dos corredores da universidade e nas ruas do Boulevard do Arco, a juventude universitária, as “universitárias-viajantes”, se recriam, se refazem e repensam seus projetos, à medida que suas próprias identidades se remodelam a partir dos deslocamentos e fruição da cidade.

Na fragmentação que marca a modernidade, os fluxos entre domínios culturais distintos impactam os sujeitos que se remodelam entre deslocamentos físicos e socioculturais, afastando-se, ao menos numa compreensão inicial, da família e dos projetos coletivos, amalgamados pela solidariedade intrafamiliar. Dessa forma, podemos observar no exemplo de Lis como a vivência urbana alimenta o desejo pela individualização – e também como a condição de ser mulher e as implicações do marcador gênero são fundamentais na compreensão dos projetos. Entretanto, se há uma tentativa de estabelecer uma descontinuidade e ruptura na individualização dos projetos, sobretudo potencializada pela experiência universitária, as referências nucleares persistem encarnadas na instituição familiar. Esse fenômeno indica, entre outras coisas, que mesmo após a experiência universitária e as trocas e interações com o mundo urbano, permanecem fortes as referências do lugar de origem e as ligações com o núcleo familiar, em menor ou maior intensidade. É fundamental pensar, por exemplo, que tal dinâmica, além de repercutir nas biografias investigadas e nos seus núcleos familiares, implica em novas configurações sociais e numa reorganização dos lugares sociológicos de homens e mulheres, sobretudo das novas gerações que convivem com jovens mulheres universitárias e suas agencialidades, tendo-as como novos parâmetros de estruturação social. Prova disso é que cada vez mais cedo observamos meninas na escola da comunidade num processo de construção de projetos audaciosos e autônomos, redesenhando aspirações, antes tão limitadoras.

É nessa tensão entre continuidade e descontinuidade, fenômeno ambíguo e contraditório que marca as sociedades complexas, que essas jovens tecem suas histórias, “com um pé lá, outro cá”, em que “[...] a continuidade e as transformações da vida

social dependem do relacionamento, mais ou menos contraditório e conflituoso entre esses mundos e os códigos a eles associados” (VELHO, 2003, p. 27). Transitam entre diferentes universos, com uma plasticidade sociocultural que as fazem mediar distintos códigos e valores, cada uma a sua maneira, como nos aponta Velho (2003). Nesses percursos, dinamizam as referências associadas ao modo em que se percebem nos seus pertencimentos de gênero, classe e outros marcadores sociais. Tal dinâmica, embora associada a um contexto específico, qual seja o acesso à formação universitária, indica processos de diferenciação no modo como se constrói a experiência com espaços urbanos das jovens mulheres, tendo em vista que as diferenças de gênero e classe conformam modelos diferentes do ser jovem universitário (a). Apontamos, por fim, a necessidade de entender os dados trazidos como tentativa de capturar singularidades nas vivências das jovens investigadas, entendendo que a relação gênero e uso do espaço urbano e suas implicações promovem formas específicas de viver a experiência universitária de maneira contextual e, por conseguinte, produzem diversas formas de elaborar seus projetos.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. Tradução Daniela Kern e Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo; Porto Alegre: Edusp; Zouk, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. O camponês e seu corpo. **Revista Sociologia Política**, Curitiba, n. 26, 2006.
- CARNEIRO, Maria José. Juventude rural: projetos e valores. In: ABRAMO, Helena; BRANCO, Pedro P. M (org.). **Retratos da juventude brasileira**: análise de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto Cidadania e Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 243-262.
- BRAGA, José Ricardo Marques. **Trajatórias tecidas entre as luzes da cidade e as veredas do sertão**: jovens mulheres rurais, ensino superior e projetos de vida. 2018. 227f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.
- CARNEIRO, Maria José. O ideal rurbano: campo e cidade no imaginário dos jovens rurais. In: **Anais do XXII Encontro Anual da ANPOCS**, Caxambu, Minas Gerais, 1998. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/22-encontro-anual-da-anpocs/gt-20/gt14-12/5149-mjcarneiro-o-ideal/file>. Acesso em: 10 jun. 2017.
- CASTRO, Elisa G. de. **Entre ficar e sair**: uma etnografia da construção social da categoria juventude rural. 2005. 445f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS- Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- CORDEIRO, Rosineide. Gênero em contextos rurais: a liberdade de ir e vir e o controle da sexualidade das mulheres no sertão de Pernambuco. In: JACÓ-VILELA, Ana Maria; SATO, Leny (org.). **Diálogos em psicologia social**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012. p. 135-146.
- CRESSWELL, Tim. **On the move**: mobility and modern western world. New York; London: Routledge, 2006.
- DAINESE, Grazielle. Os casos e o gênero: acontecimentos da moralidade camponesa. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 25, v. 2, 2017.
- ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FLEISHER, Soraya; BATISTA, Monique. O tempo da falta e o tempo da bonança: experiências de cronicidade na Guariroba, Ceilândia/DF. **Anuário Antropológico**, [s.l.], v. 38, n. 2, p. 195-224, 2012.

FREITAS, Isaurora Cláudia M. de; BRAGA, José Ricardo Marques. Os universitários-viajantes: suas práticas e sociabilidades. **O público e o privado (UECE)**, [s.l.], v. 1, n. 21, p. 91-110, 2013.

GARCIA JR., Afrânio Raul; HEREDIA, Beatriz Alasia de. Campesinato, famílias e diversidade de explorações agrícolas no Brasil. In: GODOI, Emília Pietrafesa *et al.* (org.). **Diversidade do campesinato**: expressões e categorias – estratégia de reprodução social. São Paulo; Brasília, DF: Editora UNESP; Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009. v. 2. p. 213-244.

HAESBAERT, Rogério. Epílogo: hibridismo, mobilidade e multiterritorialidade numa perspectiva geográfico-cultural integradora. In: SERPA, Ângelo (org.). **Espaços culturais**: vivências, imaginações e representações. Salvador, EDUFBA, 2008. p. 393-419.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2010**. Disponível em: biblioteca.ibge.gov.br/visualização/dtbs/ceara. Acesso em: 10 jun. 2017.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MANGUINHO, Julyana Vilar de França. **Práticas feministas em contextos educacionais**. 2018. 207f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

MARCUS, George. Etnografia em/del sistema mundo: el surgimento de la etnografia multilocal. **Alteridades**, [s.l.], v. 11, p. 111-127, 2001.

MASSEY, Doreen. Um sentido global do lugar. In: ARANTES, A. A. (org.). **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000. p. 176-185.

NASCIMENTO, Silvana. **Faculdades femininas e saberes rurais**: uma etnografia sobre gênero e sociabilidade no interior de Goiás. 2008. 168f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, M. I. M.; EUGÊNIO, Fernanda (org.). **Culturas jovens**: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2006. p. 105-120.

OLIVEIRA, Antônia Aleksandra Mendes de. **Na terra da luz, “o sol nasce para todos, mas a sombra é para poucos”**: Projetos de vida e campos de possibilidades dos jovens de classes populares de Fortaleza/CE. 2015. 201f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

PARK, Robert E. A cidade: sugestões para investigação do comportamento humano no meio urbano (1916). In: VELHO, O. (org.). **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, p. 26-67, 1967.

PAULILO, Maria Ignez. O peso do trabalho leve. **Revista Ciência Hoje**, [s.l.], n. 28, 1987.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, 2014.

SCHUTZ, Alfred. **Sobre fenomenologia e as relações sociais**. Tradução de Raquel Weiss. Petrópolis: Vozes, 2012. (Col. Sociologia).

SILVA, Elisabete J. da. **As filhas de Pascoal**: nova ruralidade e condições de permanência no campo entre jovens agricultoras no interior de Pernambuco. 2013. 146f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito (1903). **Mana**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 577-591, 2005.

SOUSA, Kamila Costa de. **Percursos e projetos de vida das juventudes egressas da escola do campo**. 2016. 215f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

José Ricardo Marques Braga

Mestre e doutorando em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Pesquisador do Grupo Gênero, Corpo e Sexualidade (GCS) e do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Produção Social do Espaço (GEPPSE). Professor da Secretaria de Educação do Ceará (SEDUC/CE). Atua nos seguintes campos temáticos: juventudes, juventudes universitárias, marcadores sociais da diferença, educação, diversidade e gênero.

Endereço profissional: UFRN – CCHLA – Departamento de Antropologia. Campus Universitário Lagoa Nova, Natal, RN. CEP: 59078-970.

E-mail: ricardo_sociologia@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1304-5243>

Elisete Schwade

Professora Titular do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Catarina (1987), Mestrado em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (1993), doutorado em Ciência Social (Antropologia Social) pela Universidade de São Paulo (2001), Pós-Doutorado na University of British Columbia – UBC (2008-2009). Coordena o Grupo de Pesquisa Gênero, Corpo e Sexualidade. Suas áreas de interesse em pesquisa incluem os seguintes campos temáticos e etnográficos: gênero e subjetividade; sociabilidades e estilos de vida; assentamentos rurais; gênero e educação.

Endereço profissional: UFRN – CCHLA – Departamento de Antropologia. Campus Universitário Lagoa Nova, Natal, RN. CEP: 59078-970.

E-mail: eliseteschwade@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3488-1171>

Como referenciar este artigo:

BRAGA, José Ricardo Marques; SCHWADE, Elisete. Mulheres Universitárias no Trânsito Campo/Cidade: Metamorfose de Vidas, Metamorfose de Projetos. **Ilha – Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 23, n. 3, p. 130-154, setembro de 2021.